

ESPORTES

correibraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



A 100 dias da Copa, a Casa Branca vira o centro das atenções em meio à guerra. Risco de duelo entre EUA e Irã na segunda fase; possível desistência da seleção persa; e recorde de nações árabes ou de maioria islâmica na competição deixam Fifa em alerta



MARCOS PAULO LIMA
VICTOR PARRINI

A 100 dias da abertura da Copa do Mundo na América do Norte no duelo entre México e África do Sul no Estádio Azteca, em 11 de junho, às 16h (de Brasília), a Fifa abre contagem regressiva para a 23ª edição do evento em meio à escalada da Guerra no Oriente Médio. Líder da ofensiva militar contra o Irã iniciada no último sábado, os Estados Unidos receberão 78 jogos. O Canadá abrigará 13, e o México, outros 13. A partir das quartas de final, todas as partidas serão em solo estadunidense. Até lá, um campo minado deixa o evento em xeque.

Classificado via Eliminatórias da Ásia, o Irã está no Grupo G. A seleção persa enfrentará a Nova Zelândia e a Bélgica em Los Angeles. O último compromisso na fase de grupos é contra o Egito, em Seattle. Uma questão perturba a Fifa. Se o Irã avançar em segundo lugar e os Estados Unidos na mesma posição do D contra Austrália, Paraguai e um adversário europeu vindo da repescagem, os dois países em conflito medirão forças na fase de 16 avos em 3 de

julho, véspera do Independence Day, no AT&T Stadium, casa do Dallas Cowboys, em Arlington, no Texas. Aliado dos EUA nos ataques, Israel está fora do torneio. A única participação foi na Copa do Mundo de 1970 no México. Por questões de segurança, o país participa das Eliminatórias na Europa.

O presidente da Federação Iraniana de Futebol é Mehdi Taj. Em entrevista à tevê estatal, o dirigente avaliou o impacto da guerra no planejamento da seleção do Irã para a Copa. “É improvável que posamos pensar com esperança na disputa da Copa do Mundo, mas quem precisa decidir sobre isso são os comandantes do esporte”, afirmou no último sábado.

“Tivemos uma reunião. É prematuro comentar em detalhes, mas vamos acompanhar os desdobramentos em torno de todas as questões ao redor do mundo”, limitou-se a dizer o secretário-geral da Fifa, Mattias Grafstrom.

A Fifa não lida com desistência de um classificado desde a Copa de 1950 no Brasil. À época, a Turquia alegou dificuldades financeiras e de logística. A Índia também, embora tenha colado historicamente a folclórica proibição de jogar a competição

“É improvável que possamos pensar com esperança na disputa da Copa do Mundo, mas quem precisa decidir sobre isso são os comandantes do esporte”

Mehdi Taj
presidente da Federação
Iraniana de Futebol

“É prematuro comentar em detalhes, mas vamos acompanhar os desdobramentos em torno de todas as questões ao redor do mundo”

Mattias Grafstrom
secretário-geral da Fifa

descalço. A primeira edição do torneio no país ficou com 13 combinados nacionais.

A última seleção a abrir mão da Copa por justificativa bélica foi a Espanha. A Guerra Civil de 1936 a 1939 impossibilitou a Fúria de disputar a Copa de 1938. A Argentina recusou-se em protesto contra a escolha da Fifa pela França como anfitriã. Campeão em 1930, o Uruguai se solidarizou com o vizinho sul-americano alegando desrespeito ao princípio do rodízio. A edição anterior havia sido na Itália. Em represália, a AFA e a AUF preferiram não embarcar rumo ao Velho Continente.

A guerra não se restringe a EUA, Israel e Irã. Ganhou contorno regional. Outros países do Oriente Médio classificados para a Copa estão sob ataque ou fazem parte do mapa do conflito. São os casos da Arábia Saudita, do Catar e da Jordânia. O Iraque disputará uma vaga na repescagem mundial contra o remanescente do confronto entre a Bolívia e o Suriname.

A guerra deflagrada por EUA e Israel afeta seleções de maioria muçulmana. A Copa de 2026 terá recorde de nações adeptas do islamismo: Irã, Arábia Saudita, Qatar, Jordânia, Marrocos, Tunísia, Egito,

Argélia, Senegal e a Costa do Marfim. O Iraque depende da repescagem.

A pressão sobre a Fifa também diz respeito a decisões contraditórias. A entidade excluiu a Rússia das competições desde o início dos ataques à Ucrânia. Há quem defenda a mesma postura em relação aos EUA devido aos ataques à Venezuela para prender o presidente Nicolas Maduro; e ao Irã, culminando na morte do aiatolá Ali Khamenei.

México

Antes da guerra no Oriente Médio, o foco de tensão estava no México. A morte de um dos principais narcotraficantes do país em uma operação militar desencadeou uma onda de protestos. A violência crescente tomou conta de Guadalajara, a segunda maior cidade do México, para onde estão previstas quatro partidas da Copa do Mundo.

Tanto Infantino quanto a presidente mexicana Claudia Sheinbaum garantiram que a crise não prejudicará o torneio. “Muito tranquilo, está tudo bem”, amenizou o presidente Gianni Infantino em uma reunião na Colômbia na semana passada.

Calendário na região está sob risco

Os conflitos envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã ligam o alerta a respeito do calendário esportivo internacional previsto para a região nos próximos meses. Com bases militares americanas, Catar, Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Arábia Saudita concentram, entre maio e junho, eventos de grande porte e lançam dívidas a respeito de segurança e estabilidade.

Competições envolvem deslocamento de delegações e demandam rigorosos protocolos de segurança, o que não está assegurado. Ontem, o presidente norte-americano Donald Trump estimou que o conflito pode se estender por até cinco semanas.

O Oriente Médio tornou-se um Eldorado para o esporte de alto quilate. Não poupa dinheiro para entrar no mapa das grandes competições, como mostrou a Copa do Mundo de 2022, no Catar. Após sediar o Mundial,

Doha passou a receber com frequência competições organizadas ou chanceladas pela entidade máxima do futebol, como o Intercontinental da Fifa. O megaevento de seleções retornará à vizinhança em 2034, na Arábia Saudita. O próximo sonho de consumo é receber uma Olimpíada. Doha é candidata.

Esse poder econômico se reflete com a injeção de recursos estatais em clubes como Paris Saint-Germain, controlado por fundos ligados ao Catar, e Manchester City, financiado por investidores dos Emirados Árabes Unidos.

O Catar é o país com a agenda mais cheia. Em 8 de maio, Doha recebe uma das etapas mais tradicionais da Diamond League de Atletismo, circuito que reúne os principais nomes da modalidade e funciona como termômetro do alto rendimento. A principal atração prevista é a Finalíssima entre a campeã europeia Espanha e a sul-americana

MUSTAFA ABUMUNES/AFP



Argentina, no dia 27. O duelo está previsto para encerrar o Qatar Football Festival, com diversas partidas. Desde domingo, torneios de futebol estão suspensos no país.

Técnico da Espanha, Luís de la Fuente admitiu que a Finalíssima não deve ser no Lusail. “Entendo que não dá para jogar no Catar. A solução, pelo que entendi, seria

encontrar outro local, se possível, enquanto os jogos não puderem ser realizados lá. Acho que é basicamente nessa direção que as negociações estão caminhando e há pessoas trabalhando nisso em todos os níveis”, revelou à RNE Deportes.

Embora mais enxuto, o calendário dos Emirados Árabes Unidos não é

Palco de 10 jogos da Copa de 2022, o Lusail foi escolhido para Espanha x Argentina

irrelevante. Está marcada para o país a World Series Triatlo, em 27 de março, que integra o circuito mundial, com atletas de ponta.

O Bahrein espera não ser afetado no curto prazo. O país tem no radar, em 12 de abril, o circuito de Sakhr de Fórmula 1. Sete dias depois, a Arábia Saudita abre as pistas para o GP de Jeddah. Além do automobilismo, a nação saudita se prepara para o Fanatics Flag Football Classic (21/3), reunião de estrelas do futebol americano, como Tom Brady.

Algumas modalidades não aparecem no calendário do Oriente Médio até junho. Não haverá preocupações com vôlei nem tênis, por exemplo. O esporte da raquete costuma entrar em cartaz, principalmente com WTA Finals, marcado para novembro, na Arábia Saudita.